

AUGUSTO MEUNIER DOS REIS MAIA

CRISTÃOS, SALVAI-O!

A propósito do secular e
venerável Mosteiro
de S. Bento da Várzea,
condenado injustamente
à morte



7(469.12)

✓
ABRIL - 1962



Biblioteca Municipal de
Barcelona, oferece
cópia de exemplar de Luís XIV
25-4-62

«O assunto, pela sua importância, bem merecia ser, permita-se-nos a expressão, melhormente ponderado, e assim era de esperar de quem cabia o oneroso múnus de elaborar uma decisão que servisse de exemplo a futuros sequazes da política de Luís XIV — «L'État c'est moi!».

Dr. José Marques Barbosa dos Reis Maia.



O secular e venerável Mosteiro de S. Bento da Várzea,
condenado injustamente à morte.

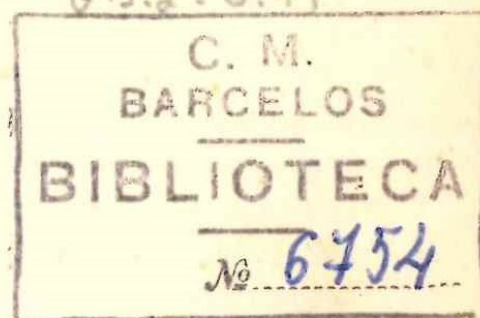
AUGUSTO MEUNIER DOS REIS MAIA

C.M.B.
Bibliotecas

Cristãos, salvai-o!

*A propósito do secular e venerável
Mosteiro de S. Bento da Várzea,
condenado injustamente à morte*

ABRIL DE 1962



Composto e impresso na Tipografia Camões
Baptista de Lima Júnior — Póvoa de Varzim

Penn.

Campanha do Fel

EM «O Arauto», boletim da Corporação Fabriqueira da Várzea, número de Janeiro de 1961, foi aberta a «Campanha do Coração» com o fim de angariar esmolas para que, na Primavera de 1961, pudessem recommençar as obras da igreja nova.

Em Março de 1961, o mesmo «Arauto», como cumprimento do que havia prometido, anunciava mais uma vez o recommenço das mencionadas obras, fixando para tal o dia 17 de Abril do dito ano.

É claro que todos os paroquianos da Várzea, ao ouvirem falar no recommenço das obras, deduziam desta expressão, muito justamente, que as obras iriam prosseguir, avançar nos seus planos, apresentando algo de positivo — de construtivo.

E, sob esta impressão, várias esmolas foram prometidas.

Porém, essa data de 17 de Abril não foi respeitada, não era cumprida, e vários meses foram decorrendo sem que esta fisionomia se modificasse.

Consequentemente, o presidente da Corporação Fabriqueira faltava a um cumprimento perante as pessoas que haviam prometido entregar as suas esmolas, rompendo a posição contratual enunciada, isto é: em troca dessas esmolas, o presidente do C. F. propunha-se recommençar as obras em data fixada, o que não fez, passando largos meses além da data indicada e sem que tomasse uma atitude concreta, anulando portanto essa posição contratual, chamemo-lhe assim.

Atendendo aos largos meses que se seguiram à data

fixada, não podem haver desculpas de espécie alguma, não são aceitáveis, ainda que as quizessem meter a martelo... como por exemplo: que o presidente da Corporação Fabriqueira andava a tirar carta de condução, que trabalhava no sentido de comprar um automóvel, ou que a planta das obras não tinha chegado, não estava desenvolvida... por falta de regas, sabido que as plantas gostam muito de água e até dum pouco de amónio, para não falar em... fósforo.

Ora, como o presidente da C. F. não cumpriu, as pessoas, que haviam feito também as suas promessas, ficaram automaticamente desobrigadas de as respeitar, de não as cumprir, pagando-se ambas as partes da mesma maneira.

Portanto, em relação à «Campanha do Coração», hoje dará quem quiser, de livre vontade, e quem não quiser atender está dentro do seu pleno direito.

Mas isto não é tudo.

Àqueles que haviam prometido certas quantias, a título de empréstimo, devia-se-lhes a apresentação de garantias idóneas, firmes, sérias, questão que à data julgo não estar ainda convenientemente debatida, o que também não legitima o recebimento dessas ofertas.

Certa vez, em conversa com o presidente da Corporação Fabriqueira, abordei a questão dessas garantias, fazendo-lhe ver a necessidade de se esclarecer tal assunto, e ele respondeu-me que iria haver um documento assinado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Braga, que passaria a ser o fiador, solução que parece ter falhado, pois nada foi apresentado ao público nesse sentido.

Alguém já viu esse documento?

E aconteceu o pior: o presidente da C. F. criava uma «via dolorosa» ao anunciar a inconcebível formação de uma Comissão Consultiva das obras da nova igreja, em que só os paroquianos, que tivessem feito uma esmola ou um empréstimo de 3.000 escudos para cima, poderiam figurar nela.

Era a decisão dum espírito desmesuradamente mercenário, em colisão com a moral de tantas pessoas que cristãmente haviam prometido a sua esmola, usando da melhor vontade para com S. Bento, e talvez até com sacrifício próprio.

Estava-se na presença dum deplorável, imerecido insulto lançado ao rosto da pobreza, das pessoas de remediadas posses, as quais se viam amordaçadas ignobilmente, atingidas com o labéu de não poderem articular palavra como os prisioneiros colocados nas masmorras e incomunicáveis.

Que despotismo!

Parafraseando aquela expressão de Luís XIV — «L'État c'est moi!» (O Estado sou eu!), teremos estouta — «L'Église c'est moi!» (A Igreja sou eu!).

Note-se que eram muitas as pessoas que haviam feito promessas abaixo dos 3.000 escudos, e poucas as que atingiram este número...

Como se vê, habilidade não falta!

Só pela cabeça dos papalvos, dos que gostam vestir a pele de urso, dos que não prezam a moralidade, pode passar a ideia de pagarem a afronta com dinheiro, de corresponderem a semelhante rebaixamento com uma esmola!

Só quem não tiver vergonha, carácter, se lembrará de, com o dinheiro e ostensivos salamaleques, pactuar com a ofensa recebida!

E a «Campanha do Coração», apesar de há muito ter sucumbido, saía da sonolência e mudava de nome: era a Campanha do Fel!...

O presidente da Corporação Fabriqueira procura ficar só com os seus simpatizantes (se é que verdadeiramente existem), busca ficar à vontade, sem estorvos de maior, para assim alcançar o predomínio dos seus ditames, a prevalência das suas ideias...

Porém, o secular e milagroso Mosteiro da Várzea é pertença da Freguesia por inteiro, diz respeito a todos os seus paroquianos que sempre o veneraram como filho amantíssimo, e não pode estar sujeito à arbitrariedade de uma minoria, de certas pessoas que não admitem que a sua opinião seja contrariada, pretendendo resolver as questões, a bem dizer, por meio da violência!

Uns senhores feudais, com posse exclusiva... daquilo que deveria ser público, mas sem peias de qualquer espécie!

Tem sido este sistema de mandar, este processo defensivo de predilecções meramente individuais, o causador de

se querer destruir o que de maior valor existe no solo da Várzea, prejudicando-a, esbulhando-a, fria e cínicamente, de toda uma obra secular, cheia de sentimento, pujante de valor artístico, com laços fundos na História, herança sacrossanta dos nossos antepassados, sempre e desveladamente respeitada, como autêntica relíquia que é, como fonte de graças, como dádiva abençoada do Céu!

Mas as modas não pararam aqui.

No dia 8 de Dezembro do mesmo 1961, dia triste de inverno e que tristemente ficará gravado na História, as obras da igreja nova surgiam com o carácter de medonha devastação!

O prometido recomeço das obras que estava à vista era, nem mais nem menos, do que o desmantelamento de grande parte das mesmas... para depois serem reconstruídas!

Mal sabiam os que chegaram a acreditar na «Campanha do Coração», que ela se destinaria a destruir e não a construir!

O presidente da Corporação Fabriqueira, que é de Alvarães, deveria pedir aos santos da sua terra, e às pessoas nela existentes, o dinheiro necessário para efectuar devastações e ruinosas reconstruções.

É de acreditar que lhe dessem uma bonita resposta...

O presidente da C. F. deve reunir os seus sequazes, tomar nota da identidade de cada um deles e, como estamos nas vésperas da Páscoa, formar com esses nomes um apetitoso pão-de-ló para ser cortado às fatias, ficando cada um a saber o que lhes toca...

É que não é só mandar...

Numa desedificante reunião efectuada na casa das esmolas de S. Bento, no dia 11 do mês passado, onde não estavam representados nem metade dos cabeças de casal da Freguesia, foi apresentado o projecto para a reconstrução — desgraçadas reconstruções! — do telhado da igreja nova, que ficaria por 80 ou 140 contos, respectivamente se fôr em cimento ou madeira.

Eu pergunto: então não há dinheiro para pagar a *sábia* reconstrução da parede, para o que marcaram o dia 31 do

corrente mês para receber as esmolas, e já se fala noutra despesa de 140 ou 80 contos?

Por este andar de não haver dinheiro para uma coisa e já se querer outra, onde é que se iria buscar o dinheiro para pagar as amortizações dos tais empréstimos da «Campanha do Coração», aliás falida?

O que deveria estar em primeiro lugar, debaixo de inteira responsabilidade, é relegado para o fim... ou sabe-se lá para quando!

Como se verifica, o caso apresenta-se intrincado...

Acabo de saber que o telhado escolhido para a igreja nova foi o de madeira por ficar mais barato, e só não fazem um telhado em papelão compensado por recearem que dê muito nas vistas...

Também reparo que a parede, que estão a reconstruir, não foi reforçada com uma cinta de cimento por cima das arcadas, ficando exactamente como dantes estava... por não servirem as cintas que a conhecida casa Pompadour tem à venda... nas montras!

Enfim, gastam um dinheiro que lhes fica pelos olhos da cara, para mostrarem uma grande obra... feita para remediar!

Que exímios, portentosos derrotistas!

Não sei se já repararam que os algozes da casa materna de S. Bento só tecem elogios a respeito das obras da igreja nova, à boca cheia, e fogem sistematicamente de falar sobre o respeitável Mosteiro da Várzea, como coisa excomungada, ocultando que a metade do dinheiro que têm gasto em levantar erradas paredes chegaria, ou sobejaria, para restaurar ou reformar o histórico Mosteiro, tornando-o num admirável santuário.

Nesta grande verdade não tocam eles!

Fogem dela como o diabo da Cruz...

¿ Por que não abordam, não discutem o projecto que estava pendurado na sacristia, relativo às obras que iriam beneficiar o venerando mosteiro e lhe dariam características inteiramente novas, num admirável, excelente traçado architectónico e sem que ficasse diminuído nos seus valores históricos?

Sim, nesta grande verdade não tocam eles!

Têm medo ~~da~~ da estátua de S. Bento que embeleza a fachada do miraculoso Mosteiro...

Contudo, podem esses algozes estar certos de que S. Bento nunca os perderá de vista...

Aqui é que está o busílis.

Mas se esse projecto das obras do secular Mosteiro não servia por qualquer motivo e carecesse de leve modificação, ou mesmo fosse necessário elaborar outro, é espantoso que não tivessem utilizado os meios competentes, sem difficuldade alguma, pois eu próprio o arranjaría por preço assaz convidativo...

! Ninguém, ninguém se atreva a levantar a ponta do véu destas profundas verdades, que os algozes apodarão tudo e todos, inventarão um mundo de evasivas, um sem número de tarameladas desculpas, escondendo-se atrás duma falsidade obstinada e insolente!

Que todos os corações sinceros saibam que o seu verdadeiro posto é a defesa da casa materna de S. Bento, e saibam enfrentar com energia o seus detractores, esses delapidadores da Verdade!

Só dentro da casa-mater de S. Bento os corações dotados de bôa vontade poderão bater compassadamente, calmos e felizes, tementes da justiça de S. Bento, que poderá ser implacável.

Ponderai bem, segui unicamente a vossa consciência e que as vossas esmolas sejam só para engrandecimento do venerando Mosteiro, que nunca vos abandonou.

Um bom filho nunca repudia, nunca amaldiçôa a casa materna, e se alguém disser que S. Bento é um mau filho, esse alguém mente desavergonhadamente, sacrílegamente, desafia o generoso coração de S. Bento, resplandecente de verdade!

Mas, cristãos, o nobre Mosteiro existe ainda, não pereceu, e tenho a certeza que não faltam almas sensíveis, bem conformadas, que estejam prontas a valer-lhe com a sua ajuda, a salvá-lo!

Para encetar obras no miraculoso Mosteiro da Várzea, haveria quem tomasse conta desse encargo, e nem sequer

seria preciso que o presidente da C. F. tivesse trabalho com a vigilância das mesmas, ficando com a liberdade de pegar no seu automóvel e ir passear à vontade, de manhã até à noite — podendo até tomar a estrada de Viana, via Balugães...

Se se consertasse o coro e reparasse o telhado do secular Mosteiro (estragos causados propositadamente, criminosamente por certos responsáveis), e mesmo sem que fôsse submetido a qualquer modificação das suas linhas—atente-se que a torre e a fachada são novas — não seria preciso mais para que os paroquianos se servissem dele durante mais de cem anos!

Isto só demonstra a grosseira mentira, a falsidade reles de haver quem diga que o venerável Mosteiro da Várzea está velho, a cair...

Dão-lhe pancada, forte cutilada, e depois choram que o secular Mosteiro não oferece boas condições, esses descarados!

Que desfaçatez!

Para a construção da igreja nova, obra absolutamente desnecessária, não falta dinheiro, até para destruir o que estava feito, mas para beneficiar o miraculoso Mosteiro, cheio de estética e valor histórico, nem meia dúzia de contos de réis aparecem!

É infamante!

Mas S. Bento não é cego, não é trouxa como eles querem, e lá está...

Um bom cristão deve reconhecer as fortes razões em que assenta o abençoado Mosteiro da Várzea, razões que devem ecoar dentro de cada peito, ou se imitará os carrascos que arrastaram Cristo ao calvário, matando-O perversamente.

Frise-se, portanto, o seguinte: os que auxiliarem as obras, da igreja nova, seja por que processo fôr, condenam à morte, implicitamente, tácitamente, a casa materna de S. Bento, e farão parte integrante dos desalmados que se colocam sob a alçada da justiça do Santo, e assim ficarão acorrentados à contingência dum castigo.

Não há que fugir: quem não defender o respeitável

Mosteiro da Várzea é contra a casa Materna de S. Bento, que nunca foi mau filho...

Eis tudo dito.

S. Bentinho não quer saber de grandezas, de estultas vaidades, de orgulhos incontritos, mas exige que a palavra Verdade seja defendida, respeitada, e que a palavra Sentimento não seja menosprezada, enxovalhada!

Já o insigne Alexandre Herculano perguntava: «Orgulho humano, que és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?»

Nós vemos grandes homens, homens de muito dinheiro (cujos pais foram pessoas humildes), e, apesar de rodeados de riquezas, nunca renunciam à sua casa materna ~~materna~~, mas respeitam-na religiosamente, amam-na até ao delírio.

São homens ricos mas que nunca perderam o divino condão de saberem sentir, que colocam o Sentimento muito acima das veleidades deste mundo, das grandezas que são sempre efémeras, e jámais trocariam a sua casa materna nem que fôsse por um palácio.

Pode acontecer de remodelarem o lar maternal, mas destruí-lo nunca!

A casa materna é para eles o que de mais adorável existe, e, sempre que podem, lá vão de braços abertos procurá-la, senti-la de perto, viverem nela alguns dias de repouso, respirando um ar que lhes parece mais puro!

Sentem-se tam bem dentro daquelas paredes, aconchegados aos seus antepassados, naquelas paredes onde trepam e se abrem estonteantes umbelas de rosas dos mais delicados perfumes, que julgam estar no Céu, no meio dum mar de anjos!

Ah! plantai roseiras em volta do miraculoso e secular Mosteiro de S. Bento da Várzea, fazei dele um roseiral!

Circundai-o de flores e de perfumes!

CRITÃOS, SALVAI-O!

Raciocínio e sentimento

A nova igreja de S. Bento da Várzea, em construção, tal como o P.^e Senhorinho a deixou após a sua morte, representava um mal sem remédio, uma situação irremediável, uma moléstia sem cura que invadia, obscurecia o tão admirado adro fronteiro ao antigo Mosteiro da Várzea.

Aquela construção sem razão de ser, sobre o adro tão valioso, era como a ideia ignara de se querer enfeitar com simples objecto de barro um chão atapetado de ouro e marchetado de diamantes...

Sim, pedras existiam muitas na freguesia da Várzea, mas adro como aquele havia só um — e insubstituível!

Naquela obra desnecessária, mancha injuriosa a desafiar a face sereníssima do secular Mosteiro, gastára-se grandes quantias de dinheiro e ninguém, sem que sentisse um arrepio de horror, podia pensar em destruir semelhante fortuna, ainda que dispensável.

E como o médico que se debruça sobre o corpo do doente, procurando algumas palavras de alento, pretendendo ocultar a gravidade do mal — quem mente por amor fala verdade ao Senhor! — assim houve mister cuidar das obras da igreja nova, não por admiração à sua architectura errada, banal, medíocre, mas para se salvar aquela montanha de dinheiro num momento em que a Freguesia começava a mostrar sintomas de esgotamento financeiro para com semelhante empreendimento, sem possibilidade de manter umas obras de custo elevadíssimo e de mínima utilidade,

deixando à bolsa do Santo a continuação das mesmas, até porque elas seriam fruto de um mau governo, de um errado plano administrativo, e, sobretudo, a materialização de um lamentável acto de vingança, que nunca soubera perdoar (como explicarei detalhadamente no capítulo seguinte).

Era uma obra que podia ser equiparada à construção das pirâmides do Egipto, ou do convento de Mafra, mais própria para ser conduzida à força de chicote, pelos criminosos mandados para o degrêdo, pelos condenados às galés, do que propriamente pela gente pacata e remediada de S. Bento da Várzea, para não citar a elevada percentagem dos seus pobres e que tão necessitados andam!

Contudo, embora não faltassem aquelas forçadas atenções para com uma obra tão enferma, o mal agravou-se repentinamente, misteriosamente, e, qual tremenda tempestade que se desencadeasse por cima da igreja em construção, em que os trovões ribombassem assustadoramente e se ouvisse o estálido sinistro de terrível descarga eléctrica, — o telhado da nova igreja caía fulminado, desabava estrondosamente, ficando transformado num montão de vigamentos e de ferros torcidos!

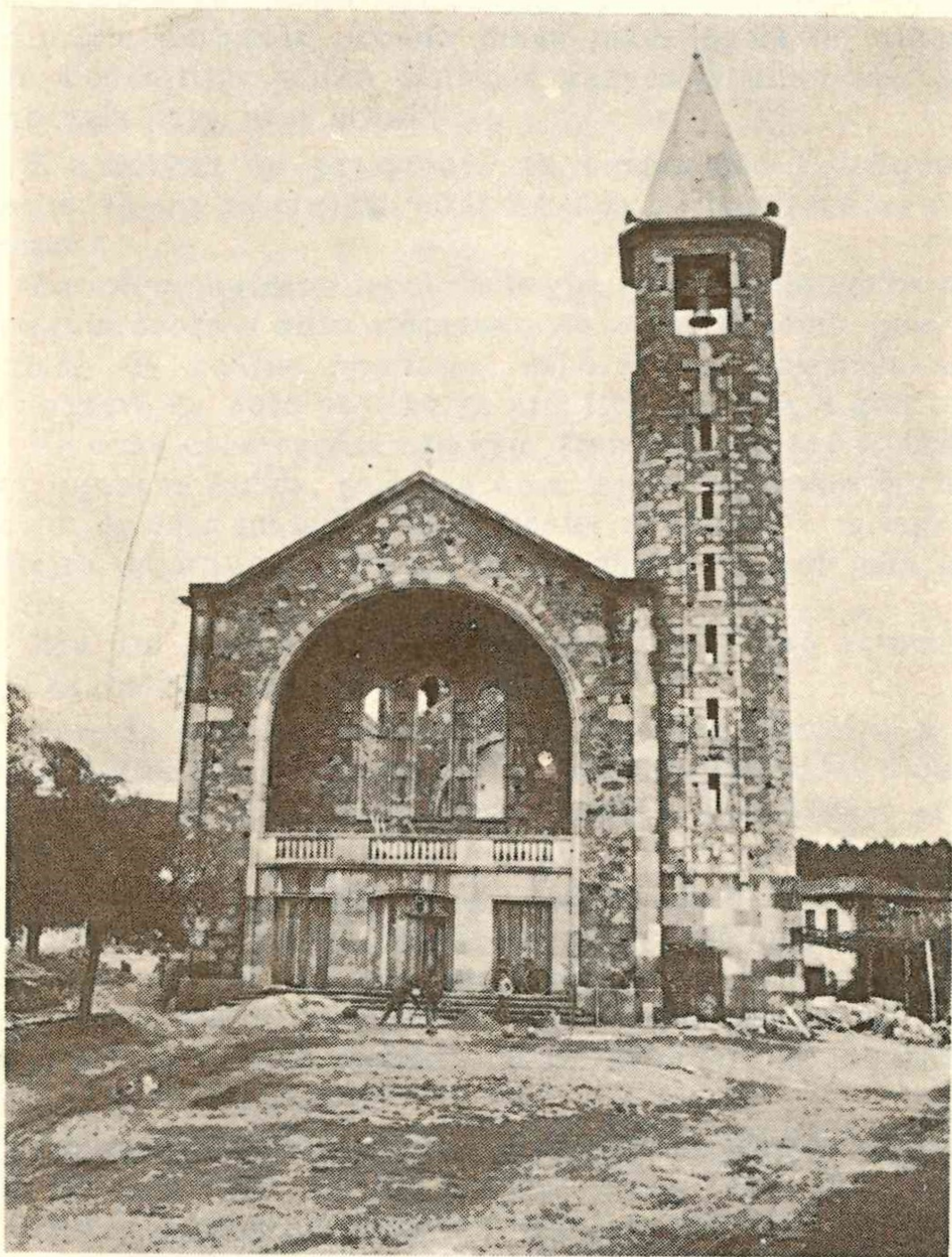
Largos contos de réis se sumiam numa névem de poeira, como que arremessados à fúria vertiginosa de enigmático vendaval...

Os paroquianos certamente que se benzeram!

Mal refeitos os ânimos, mal recuperados do abalo sofrido com tão inexplicável acontecimento, logo os paroquianos se sentiram aterrados com outra notícia, pois o presidente da Corporação Fabriqueira começava a falar em destruir a parede do lado sul, por ameaçar ruína, sem restrição das suas arcadas, e que o próprio alicerce estaria condenado a voar pelos ares!

A mortífera, a misteriosa tempestade continuava a pairar, ameaçadora, por sobre as obras da nova igreja, concebida numa hora infeliz!

E esses elementos que rugiam, ainda que invisíveis, não se atreviam a tocar no miraculoso e secular Mosteiro, mas passavam devastadores e respeitavam-no, — respeitavam aquele telhado onde a incompreensão dos homens, mal



A fachada da igreja nova, de tacanha inspiração, com as portas principais muito baixas, em flagrante desproporção com o corpo do edifício.

agradecidos, tinham propositadamente aberto um rombo para o aniquilar, respeitavam aqueles caibros encharcados de água, já apodrecidos e alguns meio pendentes sobre o côro... onde talvez ecoassem sons celestiais na voz saudosa dum órgão sonhador, tocado pelas mãos ágeis de austero frade beneditino, entre cânticos suaves e distantes, mas inaudíveis para este mundo...

E a notícia do presidente da Corporação Fabriqueira consumava-se: destruição total da parede, das arcadas e do alicerce!

Aquele simples objecto de barro, com pés de barro, que pousaram sobre o adro atapetado de ouro e como que incrustado de pedrãs preciosas, esboroava-se, esfarelava-se, pulverizava-se ante os olhares atónitos de toda a gente...

As duas construções estavam frente a frente; a igreja nova tombava ferida, como se uma espada a tivesse cortado a meio; a casa materna de S. Bento, o vetusto e milagroso Mosteiro, mantinha-se de pé, firme, amparado por mão protectora...

Era um espectáculo comovente, mais do que comovente — extraordinariamente simbólico!

Parecia que alguém indicava o secular Mosteiro e ditava a sentença: «Conservai-o! Cristãos, salvai-o!»; e que a mesma voz se dirigia à igreja nova e ordenava: «Destruição!»

Quando uma pessoa faz uma promessa a S. Bento, por exemplo sobre a extirpação de simples cravo que tenha num dedo, logo vê um milagre se a petição for atendida pelo Santo; e aquela extirpação do telhado, da igreja nova, da sua parede, das suas arcadas, do seu alicerce, o que representará, que significará?

Há quem distinga grandes coisas no que é pequeno, como na extirpação de um simples cravo; mas, infelizmente, traiçoeiramente, há também quem pretenda lançar areia aos olhos do seu semelhante, apodando de insignificâncias, de coisas desprezíveis o que é grande e está à vista de todos...

As consciências cristãs que julguem!

No caso presente, preferiu-se ver pequenas coisas, in-

significâncias naquilo que era mais do que grande — surpreendentemente enorme...

Os responsáveis, não sei por que conveniências, não sei por que raciocínio, fizeram a vista grossa ao inesperado sucesso, e nem sequer quiseram pensar que a igreja nova, congeminada pelas garras aduncas e ferinas de desumana vingança, derruía como frágil castelo de cartas, sofrendo castigo aterrador, mas exemplar, mais do que o suficiente para ser considerado no campo da Fé, pois S. Bento confessava publicamente a sua discordância para com tais obras, evidenciava a sua justiça, sem deixar dúvida aos espíritos mais incrédulos.

Mas os actuais responsáveis não estremeceram, antes encararam friamente a grandeza do espectáculo, sem vislumbrarem qualquer diferença entre as duas igrejas — a antiga, de pé; a nova, semi-tombada —, sem aprofundarem o acontecimento e sem buscarem no fundo da alma a chave de todo o mistério, preferiram o juízo temerário de reconstruir, orgulhosamente, impiamente, o que S. Bento com a sua ciência havia destronado...

Talvez que o fundador da igreja nova, P.^o Senhorinho, meditando o erro que cometera, arrependido do mal que fizera ao venerável Mosteiro da Várzea, merecedor das melhores atenções, quizesse dar uma ordem por intermédio de S. Bento, quizesse fazer aos paroquianos o pedido de repararem esse mal, para que a sua alma pudesse descansar no Céu.

Por mim, que nunca odiei ninguém, está perdoado do pecado de ter condenado à morte o venerável Mosteiro da Várzea; pela minha parte, a ordem seria acatada, com o coração nas mãos, compreensivelmente, e poderia descansar em paz, na Eternidade.

Aquela moléstia sem cura, e que dizimara o rico adro da casa materna de S. Bento, tinha chegado ao seu fim, ao fim que merecia, e a igreja nova caída por terra não passava dum corpo morto.

Debaixo dum recto raciocínio, duma razão forte e in-

desmentível, debaixo dum verdadeiro sentimento religioso, a igreja nova estava morta, acabára para todo o sempre.

S. Bento contribuíra com o seu impulso decisivo, destruía os escrúpulos que ainda pudessem acalentar certos peitos, e convidava, encorajava a todos que repuzessem a verdade no seu devido lugar, libertando duma morte injusta o miraculoso e nobre Mosteiro da Várzea.

Agora, já não era preciso mentir por amor, podia-se falar abertamente, afirmar categoricamente, aos quatro ventos, que a condenação à morte do secular Mosteiro representava uma afronta à face da Justiça, que a destruição da casa materna de S. Bento era um crime sem atenuantes, uma ingratitude pungente, chocante.

Mas, por vezes, os grandes momentos, os grandes acontecimentos, aquilo que tem mérito, demonstra valor, tudo passará despercebido ao mundo, como coisas pequeninas, cheias de insignificância...

E foi preciso teimar, escarnecer, violentar, para que a determinação de S. Bento não fosse cumprida, recebida dentro de todo o respeito!

«L'Église c'est moi!» — «A Igreja sou eu!».

Pela minha parte, numa altura em que me encontrava doente, fiz o grande esforço de escrever o folheto que distribuí à Freguesia e vai inserto nas últimas páginas deste livro, e tenho a certeza de que a maior parte dos paroquianos o souberam compreender, vendo nele um reflexo da mais impoluta Verdade.

Através desse meu manifesto, na altura em que os pseudo-dirigentes iniciavam a reconstrução da parede, fica bem confirmada a contumácia, a renitência premeditada de pessoas que não recuam ante as maiores razões, a mais lídima justiça!

Das duas, uma: ou evitava-se tão calamitosa destruição, e as obras da igreja nova prosseguiam; ou se provava à evidência — friso bem, à evidência! — a necessidade fatal de se destruir o que estava feito, e, neste caso, aconselharia, defenderia mesmo através da Razão, que se abandonasse a

construção da igreja nova, se terminasse com essa calamidade, esse abismo voraz, insaciável de dinheiro, — e o aproveitamento, a restauração do venerando Mosteiro surgiria como um dever de todos os cristãos, de todos os bons paroquianos, como medida sensata, criteriosa... e prudente.

Destruída uma parede lateral, toda uma arcada e respectivo alicerce, e depois de se ter inutilizado o telhado, o que ficava da igreja nova?

Restava isto: uma fachada pouco inspirada, com portas muito baixas, desproporcionadas, e uma parede lateral de traça architectónica em nada recomendável, porventura de segurança duvidosa, sem qualquer porta de acesso.

Mas, na suposição da fachada e dessa parede serem um mimo no campo da architectura, eu nunca trocaria o preço do antigo e maravilhoso adro pelo valor das pedras que constituiriam essas duas paredes em pé!

O caso pede raciocínio, é preciso que se saiba avaliar, dando o merecido valor às coisas, e nada de manobrar à bruta, por simples vontade de teimar, por imposição de incompreensíveis caprichos pessoais, que é afinal o processo que se tem usado desde o início de tais obras (e já não falo na pecaminosa vingança que lhes deu o ser!), que ficarão incluídas no capítulo da mais insólita prepotência, afora o colossal espatifamento de dinheiro!

Não sei para que serviram tantos séculos de cristianismo, não compreendo o martírio de Jesus na cruz, pois se me disserem que foi para salvar a Humanidade, eu temo que esse objectivo não fosse alcançado, pois o mundo anda mais torto do que nunca, perigosamente adornado como barco prestes a sossobrar, o coração transformado numa esponja do mais amargo fel fraticida, e posso afirmar que, se a mentalidade de hoje pudesse retrogradar até esse tempo em que existiu um pretório de Poncio Pilatos, veríamos um Cristo perseguido por figuras que mais pareceriam diabos saídos do Inferno, vitimado com requintes de ferocidade nunca presenciada, sem a intervenção dum bondoso Cireneu, e, entre os gritos dos carrascos espumantes de raiva, talvez não fosse difícil descortinar determinados elementos

que seriam uma nova revelação na vida do doce Nazareno, os quais não hesitariam em mostrar o braço no ar como testemunho do punho fechado e sedento de sangue, denotando a mais asquerosa das tiranias, a mais cruel perfídia...

Nesse tempo, na Judéa, as lanças, os cravos perfurantes, os instrumentos de suplício, não foram pagos por Cristo; mas hoje, em S. Bento da Várzea, o dinheiro de S. Bento é aproveitado para destruir a sua própria casa materna, na mais estúpida das condenações.

Como os tempos estão mudados!

Ajoelhai-vos ante a casa materna de S. Bento, injustamente condenada à morte!

Impedi que o miraculoso Mosteiro seja destruído...

CRISTÃOS, SALVAI-O!

Uma Igreja nascida do Pecado!

CONFESSO que nunca havia aprofundado o caso da construção da igreja nova, a ponto de a examinar nos mínimos pormenores, mas a força das circunstâncias, ultimamente, a isso me obrigou, vendo-me na necessidade de fazer luz intensa sobre a questão, e certos factos que viviam teimosamente na penumbra ficaram sujeitos ao estudo directo, circunstanciado, minucioso da minha caneta, resultando que sobre as obras da igreja nova eu atingisse um fim que não esperava tão doloroso, chegando a uma conclusão bem triste, mas que é a expressão fidedigna da verdade.

A igreja nova, em construção, e na qual tem ardido quantias fabulosas de dinheiro se confrontadas com as limitadas posses dum meio rural, era nem mais nem menos, assustadoramente, uma nítida revelação do Pecado!

E cheguei a um corolário que não receio seja desmentido: sendo a igreja nova fruto do Pecado, o presidente da Corporação Fabriqueira, ao defendê-la, ao aproveitá-la, só pecando o pode fazer...

Nada me admira, portanto, que o altar do Altíssimo venha sendo transformado num campo de batalha, nas missas dominicais da Várzea, onde é infringida a nobre missão de criar a paz entre os homens, campeando sem freio as referências tendenciosas, desferindo-se o ataque pessoal, directo ou indirecto, abafando-se a voz dum «cristianismo» puro para dar largas a um «derrotismo» palrador e pecaminoso.

Como a gente se engana, por vezes, ao julgar que as

igrejas são «casas de Deus», concebidas unicamente para o serviço religioso, para espalhar a doutrina de Cristo e a leitura dos Evangelhos, quando afinal se ouvem lá coisas que não passariam pela cabeça ao diabo!

Mas para quê, afinal, esta profanação dos templos, se existe a lei, a autoridade no país, a imprensa até, se se quiser?

! E nos recintos sagrados, unicamente reservados ao culto divino, como a luta faz pena... contra a pena de quem escreve!

É que, de facto, torna-se mais fácil falar do que escrever...

Mais fácil e menos dispendioso...

Menos dispendioso e sem grande esforço mental, com menos dose de intelectualidade...

Assim como quem conta a história da carochinha...

Procurar a sombra do lábaro de Cristo para «verniz» de polémicas cómodas...

Toda a ciência do «savoir vivre»...

Os meus parabéns!

Felizmente, é-me agradável registar que nos templos das cidades, e creio que das vilas, não se observa tão condenável costume, cenário tão deprimente, onde o sacerdote diz a missa e mostra amar o próximo como a si mesmo...

E onde residirá a diferença?

Por causa das igrejas aldeãs estarem, de maneira geral, rodeadas de montes e pinheirais?

Mesmo assim, não se debucha qualquer correlação de ideias, a não ser que se baseie na eventualidade de aparecer algum "bicho bravo"...

E daí a má catadura...

Olhem se houvesse chacais, como nas selvas longínquas, o que seria de mim!

Com licença, fecho o reposteiro e, retomando a meada, passo a expor o resultado daquelas minhas investigações.

Joaquim António Arantes Lopes, benquisto proprietário da Várzea, grande admirador da nova torre e fachada do



A servir de obstrução às vistas da residência do saudoso Joaquim António Arantes Lopes, aqui vemos o lado norte da igreja nova, onde se pode verificar a falta de portas de acesso e que, em caso dum incêndio, nos daria a segunda edição da catástrofe do teatro Baquet...

secular Mosteiro da Várzea, não mantinha relações amistosas com o P.^e Senhorinho (por motivos que não interessam aqui formular), ao tempo pároco da Várzea.

Procurando um meio para desfeitear o que seria o seu maior adversário, P.^e Senhorinho teve a triste ideia de lançar mão de singular vingança, repudiando esses admiráveis melhoramentos efectuados no venerando Mosteiro, e, não satisfeito com tal, chegava ao arrojo de condenar à destruição pura e simples todo o valioso e histórico Mosteiro (num atrevido desafio, num tremendo insulto lançado à freguesia da Várzea, que não reagiu de forma precisa, nunca soube defender-se, lamentavelmente!), acabando o P.^e Senhorinho por declarar que iria construir uma igreja nova sobre o desafogado adro (outra perda preciosa) que ficava em frente da residência do citado Joaquim António Arantes Lopes.

A Freguesia, terrificada, quedou-se espectral, num silêncio difícil de ser rompido, e o P.^e Senhorinho agia à vontade, com a sua ideia avançando de vento em popa.

A terrível Vingança, gizando maléfica habilidade, erguia o cajado e matava dois coelhos: condenava à morte o respeitável Mosteiro, com a sua rica fachada, a sua airosa torre, e cortava as vistas da moradia do Joaquim António Arantes Lopes...

Desde então, essa monstruosidade que é a construção da igreja nova tem conseguido singrar num mar revolto de intrigas, espumante de violência, cujos ímpetos não têm passado despercebidos a S. Bento, e a maldição paira no ar... naquele ar que pode vir a ser perigoso para certos paroquianos da Várzea...

Joaquim António Arantes Lopes estava frente a uma desvairada provocação (e toda a Freguesia, aliás!), e o espírito sedento de vingança era proclamado publicamente pelo próprio provocador, numa luta imprópria dum sacerdote, que arrastava na contenda o querido Mosteiro da Várzea, numa insensibilidade de causar calafrios—ele, o Mosteiro, o inocente, a alma virginal trazida ao mundo pelas orações dos frades beneditinos, dotados da melhor intenção, abraçados de amor divino!

A intenção dos actos é que marca a ausência ou a inten-

20
sidade da culpa, e a condenação à morte do antigo Mosteiro surge como um incompreensível golpe vibrado contra a casa materna de S. Bento, na Várzea, e transparece como premeditada e má intenção que deve ter magoado profundamente o Céu

E o justo começou a pagar pelo pecador...

Assim, lançaram-se as primeiras pedras para a construção da igreja nova, construção comandada por uma atroz vingança, pelas rédeas do Pecado, pela maldade do homem, do homem que é o lobo do homem, numa heresia suprema, onde o homem quis ser também o lobo da casa materna de S. Bento, abocanhando-a, ferindo-a, ensanguentando-a, pretendendo prostá-la de morte!

A construção da igreja nova nunca foi pedida, sugerida pelos paroquianos da Várzea, que jamais haviam pensado em destruir o miraculoso Mosteiro que tanto veneravam, que sempre quizeram engrandecido; a construção da igreja nova brotou dum único cérebro que, para levar avante a sua ideia de vingança, tudo sacrificava, não hesitante em utilizar a ameaça, chegando a assustar a gente simples de uma Paróquia, cobrindo-a de medo, impondo por meio da violência a consumação do seu negregado fim.

«L'Église c'est moi!» (A Igreja sou eu!).

Porém — até onde pode chegar o juízo dos homens! — o actual presidente da Corporação Fabriqueira, feito espadachim do seu antecessor P.^o Senhorinho, achou bem salvar o predomínio de certas ideias particulares e indefensáveis, pretendendo confirmar uma sentença iníqua proferida contra a casa materna de S. Bento, divinizando a vingança, arrogando-se a resolver problema tão momentoso com o assentamento de pedras sobre pedras, após temerosas destruições, desperdiçando **CENTENAS** de contos de reis, numa dilacerante renúncia à Razão, subtraindo-se a um estudo imparcial, em que todos os dados — até os da Fé — deveriam ser examinados escrupulosamente, preso a uma construção que não poderá ter a benção de S. Bento, e sabendo-se que a igreja nova não representa uma necessidade para a Freguesia, nem nunca representou semelhante coisa.

Ó orgulho humano, S. Bento não teme as pavorosas

investidas dum mundo que perdeu os princípios de humanidade, em que aquela bondosa compreensão dos homens se submerge trágicamente!

S. Bento não teme a bocarra escancarada da ameaça que se descortina sobre a sua cabeça, Ele que por nada quer abandonar a sua casa materna; não teme a fauce hiante de brutal vingança, os tredos abismos onde revolteia o ódio, não teme as labaredas da injustiça por mais fortes que elas soprem!

No que toca ao miraculoso Mosteiro da Várzea, os passos do presidente da C. F., a sua ideologia, não engrandecem a Igreja, mas inferiorizam-na.

A casa materna de S. Bento não é apanágio de alma árida, gélida...

Quanto à igreja nova, ela só tem a forma — aliás paupérrima, inestética —, mas a sua alma, a essência que nela tumultua, tem a negridão dos abismos, é o reduto onde as víboras levantam a cabeça e mostram o alongado ferrão da vingança que não perdoa, atoladas no lodo da perseguição humana, onde rolam as surdas ondas do rancor, pútridas, fétidas, a envergonharem a face de Jesus, a encherem de mágoa o coração de S. Bento!

A construção da igreja nova «é a hipocrisia com foros de santidade».

«É a falsidade impavonada de justiça».

Tristes ideias devastam o mundo — e até já é possível construir uma igreja por... vingança!

O miraculoso Mosteiro da Várzea é um hino de fé ardente, de ardor religioso, de amor de irmão para irmão, de veneração, de respeito dos frades beneditinos (e de todos os paroquianos que nesses tempos recuados existiram) ao coração de S. Bento!

E o coração de S. Bento é o mesmo...

Os homens é que modificaram!

A igreja nova é o símbolo da maldade humana, nasceu do ódio, é o protótipo da vingança — enfim, a pernosificação do pecado... erguido em apoteose!

A chama que idealizou a construção da igreja nova, que a animou, é a chama do Pecado!

¿E é esta obra que os dirigentes da Igreja, em Portugal, tencionam benzer um dia, abençoando-a, outorgando-lhe toda a supremacia sobre a alma cândida, imaculada do venerável e agora mártir Mosteiro de S. Bento da Várzea?

¿Será possível que tal se faça, deliberadamente, sem comprometer seriamente a religião de Cristo, fazendo-se que a mentira prevaleça sobre a verdade, o ódio suplante o amor, quando os doces lábios de Jesus disseram: «Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos»?

A igreja nova é uma negação terminante, a firme contradição destas palavras do Senhor, e nunca poderá ser louvada, elogiada, aproveitada para fins religiosos que primem pela pureza das intenções.

Se fosse aproveitada, seria qual mácula imensa na história da Igreja em Portugal.

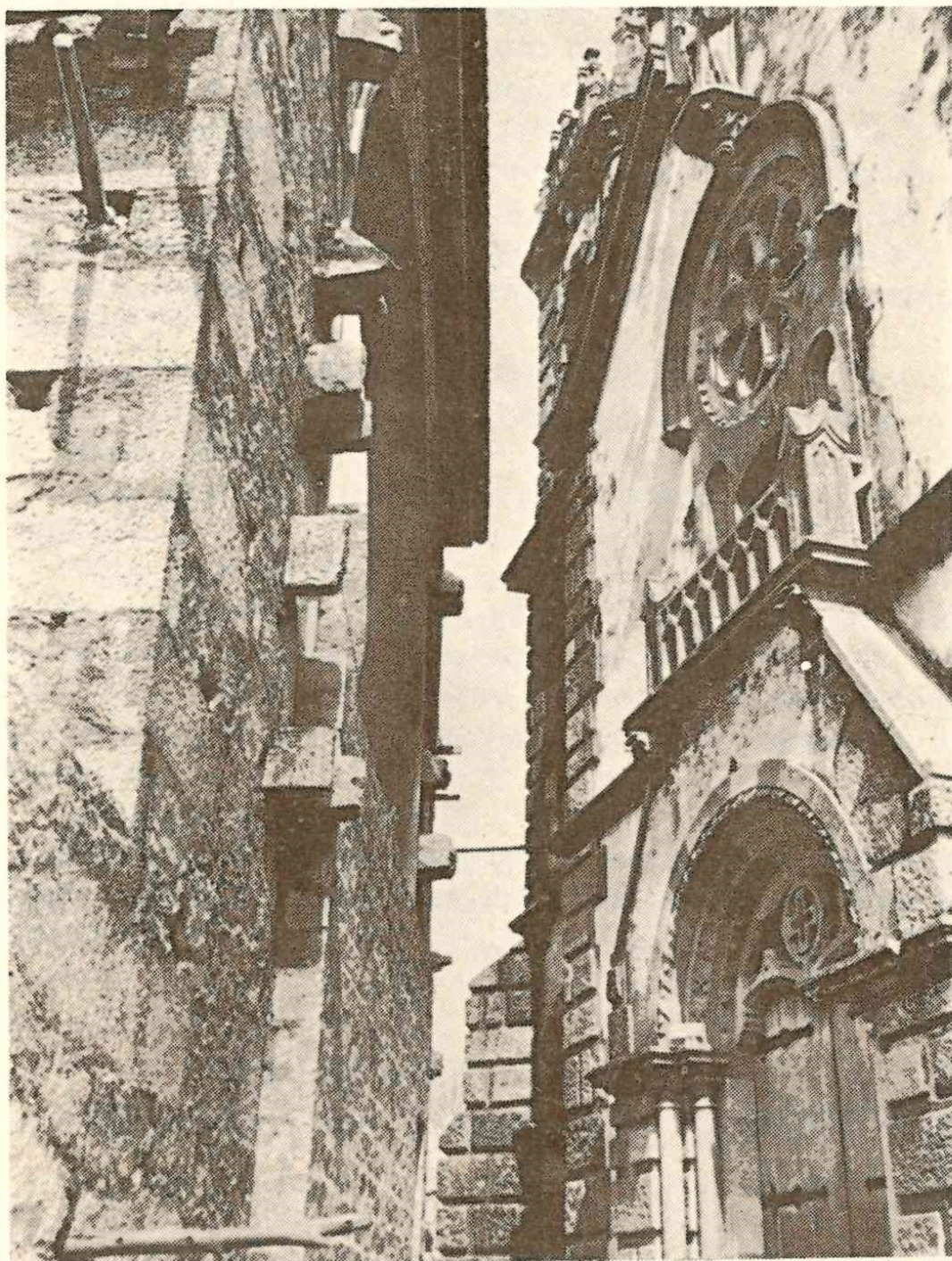
E são estas injúrias, estes ultrages dirigidos ao Céu, estes escárneos com que pretendem amesquinhar, fustigar a face do miraculoso Mosteiro da Várzea, nascido do BEM, que fazem com que o perigo quando bate à porta da Pátria não seja afastado por Deus, não encontre repercussão no seu peito: quando o MAL ruge e quer destroçar os bens lusíadas, quando um coro de orações se elevam por toda a parte, se formam procissões e vigílias de dor dentro dos templos — não há uma salvação que apareça, porque o Céu não atende, nega-se correr ao chamamento, e uma parcela querida do solo pátrio desaparece levando consigo o túmulo de um S. Francisco Xavier.



¿Se os paroquianos da Várzea se encontrassem um dia dentro da igreja nova, nascida do Pecado, e, ajoelhados, evocassem a figura adorável e austera do antigo Mosteiro destruído para sempre, seria possível que o fizessem naturalmente, sem que os olhos se marejassem de lágrimas, sem que um grito ecoasse nas suas consciências?

Oh! seria impossível! impossível!

¿Seriam capazes de erguerem os olhos para o altar onde estivesse S. Bento, sem se revoltarem, ao verem a pureza angelical do Santo instalada no antro da Vingança?



4)

Eis, em toda a evidência, o ultraje feito à nova torre e fachada da casa materna de S. Bento, amesquinhado, fustigando a face do secular e venerável Mosteiro da Várzea.

C.M.B.
Biblioteca

Oh! seria impossível! impossível!

¿Conseguiriam os paroquianos encontrar-se à vontade na igreja nova, permanecerem tranquilos, terem o espírito em sossego, ao fitarem S. Bento arrancado à violência da sua casa materna e colocado num abismo de ódio e perseguição, Ele que sempre foi um bom filho?

Oh! seria impossível! impossível!

¿Seria possível que as mães da Várzea, que adoram seus filhos e os trazem aconchegados ao seio, tivessem coragem para condenar à morte a casa materna de S. Bento, sabendo elas que o Santo pode também arrancar-lhes os filhos que apertam nos seus braços maternos, condenando-os à morte?

Oh! seria impossível! impossível!

Seria uma situação intolerável para todos vós!

Impossível! impossível!

Uma situação insustentável, de sofrimento para o vosso coração!

Seria impossível!

Paroquianos da Várzea, vós não ides condenar à morte o miraculoso e secular Mosteiro de S. Bento, que sempre viveu junto de vós, nas horas alegres ou tristes, e continua a pedir-vos um cantinho do vosso coração, recusando dizer-vos adeus...

Adeus... não, nunca!

Mães da Várzea, evitai, por amor dos vossos filhos, a condenação à morte da casa materna de S. Bento, que nunca foi mau filho!

CRISTÃOS, SALVAI-O!

O Azorrague da Falsidade

NOLVIDÁVEL reunião, sensacional mascarada a do dia 11 de Março, na casa das esmolas de S. Bento!

Ali é que se viu a «perfomance» de um grupo de homens singularmente amestrados para... demolidores! Pobre Mosteiro da Várzea, em que mãos caíste!

Bastaria citar aquele misterioso bilhete que me convidava a assistir à mencionada reunião, no qual um monte de palavras não indicava o assunto primordial que iria ser ventilado (o das obras da igreja nova), quando bastariam três ou quatro palavras para dizer a verdade, e só quando cheguei à casa das esmolas foi possível arrancar a máscara... de Carnaval, sem que o presidente da C.F. se lembrasse, ao menos, que estávamos na Quaresma!

Como os bilhetes eram misteriosos e estava a chover, a maior parte dos paroquianos não saíram de casa, é claro, é claro!

Isto faz lembrar outros bilhetes atrás distribuídos, convidando os paroquianos a assistir a certa vistoria técnica às obras da igreja nova (ai!), e quando muitos convidados chegaram ao local, a vistoria... já se tinha realizado no dia anterior!

«L'Église c'est moi!» (A Igreja sou eu!).

Os paroquianos chegavam tarde ao banquete, à sarra-bulhada, e só se quizessem lamber os pratos...

Habilidade não falta para a... trapaça!

E aquelas plantas, aqueles projectos que, na tal reunião, o presidente da C.F. fazia voltear no ar, todo sorridente e

explicando que aquilo... era papel (sic), para que alguns «amigos» que tinha na sua frente ficassem logo embevecidos, com o dedinho espetado na boca, e a gritarem, numa baboseira impagável, para não serem desagradáveis ao presidente (S. Bento não conta para o caso!), que se aquilo... era papel, que então tudo estava muito bem!

Que cena, meninos!

O mais bonito, e que me deixou perplexo, banzado, quase «groggy», foi a maneira especialíssima, a facilidade com que o presidente (inspiradíssimo, nesse dia) votava o venerando Mosteiro à morte, para o campo das pégas!

Levaria menos tempo a acender um cigarro...

Que gesto, que ciência, que obra-prima, que lição magistral, sr. presidente!

Agora é que tenho a nítida certeza de que o presidente da C.F., filho da freguesia de Alvarães, vale por um colosso no ofício de condenar... aquilo que não pertence à sua terra.

É que se pertencesse, outro galo cantaria...

Eram sete as maravilhas do Mundo; com a nona sinfonia de Beethoven passaram a oito; e, agora, com o processo adoptado para condenar à destruição o secular e miraculoso Mosteiro de S. Bento da Várzea, as maravilhas subiram a nove!

Pobre Mosteiro, em que mãos caíste!

Quando eu, na casa das esmolas, entrei de confessar às pessoas presentes que as pedras do venerando Mosteiro estavam mais do que abençoadas através dos séculos, era milagrosas, sai-se o grande presidente com a afirmação genial de que as pedras não faziam milagres...

Tanto que os tais «amigos» desataram às gargalhadas, e o presidente mal se continha em pé com o riso...

Grande pândega!

Mas eu pergunto: se as pedras do nobre Mosteiro não podem ser miraculosas, será milagrosa a água ou a madeira?

Suponho que deveriam estar no mesmo pé, em igualdade...

Portanto, que fiquem imensamente gratos ao grande homem de Alvarães todos os sacerdotes que vão à fonte de Nossa Senhora de Lurdes encher frascinhos de água para,

chegados a Portugal, operarem curas em muitos doentes, com essa água milagrosa...

Que lhes sejam agradecidos aqueles que veneram as relíquias de Santo Lenho, esses pequenos fragmentos de madeira que fazem milagres...

E as medalhas, os rosários, os crucifixos?

Que lhes agradeçam aqueles peregrinos que vão a Jerusalem visitar as pedras do sepúlcro de Cristo e, só em lhes tocar com a mão, sentem alívio para muitas dores, ficam libertados das aflições que os atormentavam....

E a imagem de pedra de S. Bento que se vê no alto da fachada do secular Mosteiro da Várzea, não tem qualquer significação ou valor no capítulo da Fé, não fará milagres?

O presidente da C. F. parece estar iluminado pela sabedoria do rei Salomão, pelo que está de parabéns o iluminado de Alvarães, e que seja para glória da cristandade!

Mas não acaba aqui a farsa carnavalesca do dia 11 de Março, e dois dos tais «amigos», na qualidade de... ministros plenipotenciários do presidente (hein, que tal vai a vaidadezinha?...), atiraram-me à queima roupa que se eu quizesse salvar o miraculoso Mosteiro (feito de pedras milagrosas...) que puxasse pelas notas e pagasse!

Não se aflijam tanto... V. Ex.^{as}, senhores ministros... que eu não estaria sozinho: não faltaria quem desse muitas notas para esse fim...

Até porque assenta melhor um vestidinho de chita no antigo Mosteiro do que um colar de pedrarias preciosas na igreja nova...

Pelo que vejo, só eu sou amável, condescendente, como se vê no primeiro capítulo deste livro, onde ofereci à «troupe» um soberbo pão-de-ló para ser saboreado às fatias...

Comam, deliciem-se... e não bufem, por favor!

E entrei de pensar que havia quem quizesse arrancar a vida ao nobre Mosteiro da Várzea tal como Cristo fora condenado à morte, e cheguei à conclusão que não me encontrava na casa das esmolas, e que a farsa era outra...

Não pude evitar que a minha voz se elevasse: «Estamos no pretório de Poncio Pilatos!».

A estas minhas palavras, seguiu-se uma explosão de

risos escarnecedores... para adularem o douto presidente...

Que o presidente também se ria, luminosamente... assim como quem namora o «farol» da igreja nova (houve alguém que afirmou que a torre da igreja nova se assemelhava muito a um farol marítimo, como adiante se verá, noutra capítulo), ou como se apreciasse o «Bosch» do seu automóvel, via Balugães...

Enfim, reviviam-se algumas páginas do Novo Testamento...

Ou melhor: alguns dos presentes patenteavam desconhecer essas páginas monumentais da vida de Cristo, eles que iam à missa e batiam no peito; mas se não as desconheciam, se sabiam o que essas páginas significavam, então é porque não só batem no peito como também lhes acham imensa piada...

No que toca ao presidente da Corporação Fabriqueira, esse não tem defesa, não pode alegar desconhecimento, e aquele seu riso, desabrochado em tão má hora, considerava-o ele muitíssimo interessante, com propriedades inegualáveis para desopilar o fígado!

Sobre a condenação do histórico Mosteiro, teve a coragem de me afirmar que, quando um Mosteiro está velho e a cair (!!), se pode fazer uma igreja nova.

Ao que é histórico ele chama velho (mas como depreciativo), e diz que há razões para ser condenável!

Para ele, a igreja nova com os seus inacreditáveis desmoronamentos, nunca deu mostras de levar um forte tombo, e o venerável Mosteiro, que até à data jamais sofreu a mais leve demolição ditada pela força das circunstâncias, é que está velho, a cair!!

E se o antigo Mosteiro tivesse caído, não fazia admiração nenhuma pela forma como tem sido tratado, ao contrário das derrocadas que se têm visto na igreja... nova, sem confronto possível!

Desafivele-se a máscara da hipocrisia!

Tem-se desprezado, injuriado, aviltado o miraculoso Mosteiro da Várzea, num gesto sem qualificação possível, numa afronta demoníaca, para depois se fazer a confissão, acompanhada de risos melífluos... em lábios gangrenados,

de que o nobre Mosteiro não presta, não vale um caracol, está velho e a cair!

¡E eu que estive para dar a este livro o título de «A velhice de uma igreja nova»!...

Com certa graça, direi que as obras da igreja nova são filhas de pai incógnito, pois os demolidores não apontam concretamente qual o motivo que levou a condenar à destruição o antigo Mosteiro, qual a razão de o votarem ao ostracismo, pelo que não sabem o que andam para aí a fazer...

«Perdoai-lhes, Senhor, que eles não sabem o que fazem!».

O «pai» das obras da igreja nova não aparece a fornecer explicações convincentes, quanto à necessidade das mesmas, e os demolidores querem que S. Bentinho seja «pai»... à força, tome conta daquelas «filhas», venha viver com elas, puxe pela carteira e pague...

E como julgam que S. Bento é obrigado a viver com tal «família», a igreja nova é o «chalet» que os demolidores Lhe oferecem, mas o Santo cansa-se de responder que nem para passar as férias precisa desse «chalet», visto encontrar-se muito bem na sua casa materna, que muito preza como bom filho que é, e onde vive com toda a graça de Deus...

Porém, não contentes em serem demolidores, passaram a ser profanadores, e a igreja nova surge como «chalet-cabaret», pois os alto-falantes colocados no alto da torre tocam música da mais suave que existe, integralmente «religiosa», em que a Maria aparece a querer voltar-se para o «Manel», e o «Manel», todo galanteador, a derreter-se pela Maria, isto como pequena amostra...

Vejam lá o que estava reservado ao Santo!

Ele que, na sua capelinha, não tira os olhos do missal para não olhar para a dama que está a seu lado, e agora querem levá-lo para o «chalet-cabaret»!...

Credo, abrenúncio!

E os demolidores-profanadores nem sequer se lembram que na igreja nova já houve um palco para representações teatrais, e porque ela não tem portas laterais suficientes, o que pode acarretar grande mortandade se a trovoada que passa no alto se aproximar e mandar cá para baixo um raio

de fogo que ateie incêndio, sem que se possa fazer um rápido escoamento de pessoas, o «chalet-cabaret» está sob o perigo de mudar de nome e passar a chamar-se o teatro Baquet n.º 2...

No meio deste trama, o certo é que S. Bentinho atirou com metade do «chalet-cabaret» ao chão, de cangalhas... e o diabo que estava na capelinha até se riu!

Que mais pensarão, que mais novidades trarão estes derrotistas-profanadores, que até chegam a fazer a guerra dentro da casa de Deus?

Mistério...

No entanto, cesteiro que faz um cesto, faz um cento.



Voltemos a falar na nona maravilha do mundo — a condenação à morte do secular e miraculoso Mosteiro da Várzea —, para gáudio do sr. presidente...

A V. Ex.^{as}, senhores ministros plenipotenciários, as minhas desculpas, por me haver esquecido de mencionar a fulgurância de tão elevados nomes...

Eis-nos na casa das esmolas, dia 11 de Março, no momento em que a eloquência do presidente pede, aos que desejam a continuação das obras da igreja nova, para levantarem o braço...

Até o burro do meu amigo moleiro, que ia a passar na estrada ao lado, levantou as orelhas... e por que seria?

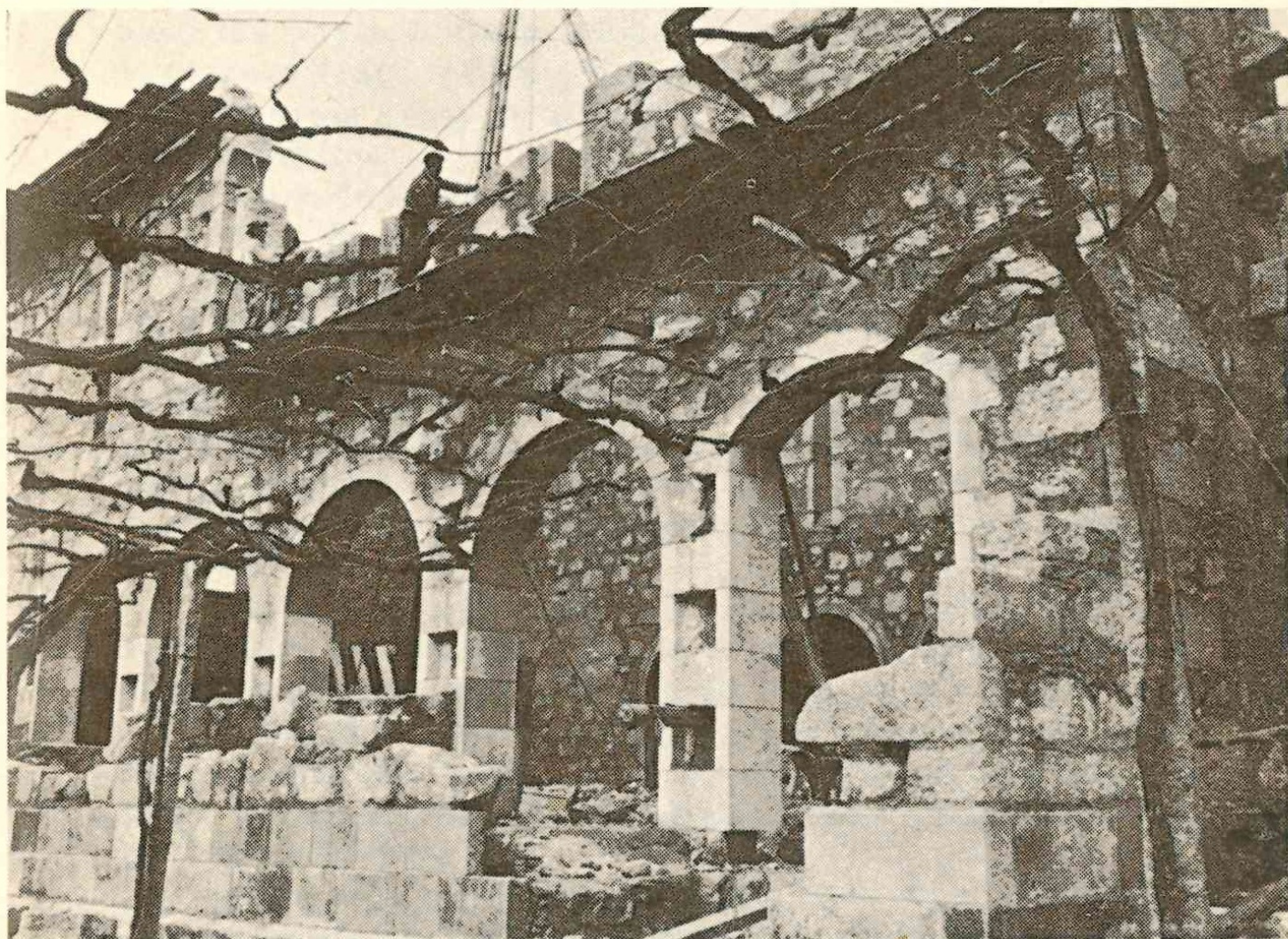
Alguns paroquianos que estavam na frente do excelso presidente, que entrou de ensaiar um dos seus melhores sorrisos, perceberam que haviam sido apanhados nas malhas da rede... da imoralidade, pois não tiveram outro remédio senão fazer a vontade a esse risinho cativante, que a todos fitava e acariciava...

O burro do moleiro, cá fora, relinchava, não sei porquê!

Esses que levantaram o braço esqueceram-se de S. Bento, certamente por estar a distância, na sua casa materna.

Sim, há os que se esquecem de S. Bento, mas S. Bento nunca se esquecerá deles...

Então pedi aos «amigos» que haviam levantado o braço,



vê-se a destruição do
Nesta gravura ~~apresenta o~~ telhado novo ~~que destruíram~~, bem como toda a parede sul que foi demolida, agora em reconstrução, onde o castigo de S. Bento parece ter descido implacavelmente, perdendo-se um mar de notas de Banco, que foram esfaceladas... Destingue-se em grande plano, as arcadas onde se instalarão os altares e que ficarão vedados com a parede exterior que se vê em princípio de construção. Dizem que é neste lado que será aberta um porta lateral — insuficiente!

numa condenação ao antigo Mosteiro, para o levantarem novamente se soubessem qual razão, o motivo em que se apoiava a ideia de destruir a casa materna de S. Bento, e obti à minha volta um silêncio geral, nenhum braço se ergueu...

E este silêncio não era outra coisa que a voz da Consciência, da Verdade, da Razão, da Justiça!

O mais extraordinário é que o presidente não contava os braços que estavam levantados, para efeito de escrutínio, nem tão pouco contava o número de pessoas que não haviam erguido o braço, e nem olhou para trás para saber se alguém que estivesse à sua rectaguarda teria ou não correspondido ao seu pedido...

Que votação sublime!

Pobre Mosteiro, em que mãos caíste!

Já me esquecia contar: quando o presidente pediu para os «amigos» erguerem o braço, um dos espectadores que era assalariado das obras da nova igreja, levantou-o **com tal força** que algumas velas de cera que se viam penduradas no teto da casa das esmolas ficaram em estilhas, assim como quem as mandava para a capela do diabo, sabido que o «challet-cabaret» não deve usar velas, mas sim a luz forte dos projectores...

Tal facto deu-se mesmo na altura em que o burro do moleiro se levantou no ar e dava cada patada que até fazia estremecer as velas dos altares da casa-mater de S. Bento!

Olhei para o ar e pareceu-me ver uma estranha visão entre as nuvens, nada menos do que a figura de Nero no circo romano, a bradar: «O miraculoso e secular Mosteiro da Várzea às feras!».

Ainda bem que fora uma visão, nada mais...

Paroquianos da Várzea, socorrei o milagroso e secular Mosteiro que passa um período cruciante e tanto precisa do vosso affecto, do pulsar sincero do vosso coração!

Mostrai que também sois filhos da casa-mater de S. Bento...

CRISTÃOS, SALVAI-O!

Os paroquianos da Várzea têm todo o direito — direito sagrado — de fazerem valer as suas preferências através de uma votação imparcial, em tudo íntima, em consciência perante S. Bento, e não serem manietados, impossibilitados de manifestarem livremente a sua vontade, quase que violentados a um silêncio que só pode servir os interesses de alguns demolidores do miraculoso Mosteiro da Várzea, que bem merece o carinho, a veneração de todos.

Juntamente ao presente livro, foram impressas duas listas iguais em formato — uma com o nome da igreja nova e outra com o nome do antigo Mosteiro.

Por este modo, cada votante dobrará a lista que for da sua escolha, portanto *sem que ninguém saiba por qual das duas igrejas vai votar*, e deitará a sua lista na urna.

Nada de favoritismos ou violências — e só a *consciência* de cada paroquiano terá o dom de escolher, perante o coração de S. Bento.

Fica marcado o dia 15 do corrente mês de Abril, após a última missa, sendo a votação feita na casa das esmolas ou onde o presidente da Corporação Fabriqueira melhor entender, e para tudo pode apresentar as suas testemunhas, principalmente para fiscalização da urna e contagem dos votos.

Eu próprio farei a distribuição das listas, a qual pode ser, como frisei, testemunhada por pessoas de confiança do sr. presidente.

Sr. presidente, a questão é clara, justa, e é-lhe dirigida dentro das melhores intenções!

Queira portanto, mostrar a HONRA, a DIGNIDADE, o amor à VERDADE, o respeito à JUSTIÇA, aceitando o convite aqui expresso.

Espero que transmita uma resposta, por escrito e a tempo de poder ser tomada em consideração, às seguintes entidades de S. Bento da Várzea: Ex.^{mos} Srs. presidente da Junta de Freguesia, Regedor ou representante da União Nacional.

Pedaços de Alma ...

A LGUÉM me disse, em Barcelos, que a torre da nova igreja tinha forte semelhança com um farol, e perguntava-me se S. Bento andava perdido...

De facto, há quem julgue isso, que S. Bento anda desorientado, perdeu a bússula... e precisa duma ajuda!

Contudo, S. Bento é que lhes abre os olhos e bem, e se há quem queira ser cego por prazer a culpa não é dele...

Talvez que S. Bentinho, qualquer dia, lhes dê uma ajuda!...

E se a torre da nova igreja parece um farol, ao que se comparará o resto da igreja, a um caixote das sardinhas?

Sim, deve ser isto, e o farol que ajude os maldizentes do secular Mosteiro a pescarem nas águas... turvas!



Há dias, na vizinha freguesia de Midões, quando eu entregava o meu folheto «Eis a Verdade», ouviu-se esta observação:

— A verdade é que nós temos a nossa igreja bem arranjada, e eles em S. Bento, com tanto dinheiro do Santo, não apresentam coisa de jeito...

Que bem falaste! Eram palavras arrancadas do fundo da alma...

A diferença está que em Midões não há partido, o orgulho despótico dum grupo, a falsidade duma «claque»; ali há

comando, uma frente única, um idealismo puro, desempoeirado, que sabe zelar os interesses da terra.

E Midões, com pouco dinheiro nas mãos, mostra muito; ao passo que os outros, com toda a dinheirama de S. Bento à disposição, não apresentam nada...

É verdade, mostram ruínas, demolições, dinheiro destruído e falta de respeito por tudo o que é sagrado... pelos séculos!

«L'Église c'est moi!» (A Igreja sou eu!)



Para destruição da parede, das arcadas e do alicerce da igreja nova, no lado sul, os responsáveis escolheram o dia 8 de Dezembro, que era o de Nossa Senhora da Conceição, e fizeram-na padroeira... do recuo das obras, das demolições, do esfacelamento das notas de Banco...

Padroeira... de uma tragédia... que os detractores do venerável Mosteiro da Várzea tiveram o desplante de escrever ao som de música e foguetes!

Grande honra para Nossa Senhora da Conceição...



Aquele «recuo das obras», num «avanço» que caminhava ronceiramente, é o retrato autêntico, o caminhar muito próprio duma desconjuntada «D. Elvira», que os perseguidores do secular Mosteiro aproveitam para calhambeque das suas proezas...



Repare-se que a assinatura da empreitada das «obras» que estão em curso na igreja nova se fez à porta fechada (não fosse alguém espreitar, quem sabe?), dentro do cartório paroquial (um compartimento que não terá mais de uns nove metros quadrados e com uma escrivaninha a ocupar espaço), onde, tirando dois membros da Corporação Fabriqueira e os empreiteiros, apareceu um número limitadíssimo de paroquianos que julgo poderem-se contar pelos dedos

de uma só mão (e neste número já vão incluídos alguns da «claque»...), pelos dedos de uma só mão, repito (mesmo não cabiam mais, a não ser que saltassem para cima da escrivaninha e os da «claque» se sentassem no colo do presidente da C. F.!), e sobre este aspecto declarava o «célebre» boletim da Corporação Fabriqueira, o «Arauto», que a primeira fase das «obras» havia sido aclamada por... unanimidade!

Foi realmente uma unanimidade autêntica, verdadeira e... esmagadora!...

Sem consideração pelos calos de ninguém...

Enfim, mais uma vez o tal processo que tem barbas sedições, valha-me Deus, e que não há meio de ser arrancado de certos bestuntos...



A construção da nova igreja, com aquelas portas de entrada tão atarracadas, mais parecerá um túmulo... dos faraós... situado no meio dum deserto imenso... com pirâmides... de dinheiro gasto em calhaus, só calhaus... e com tempestades de areia... a fustigar os olhos de muito boa gente!

O pior é se os «escravos», que têm sido enfeitados por certas «habilidades», entram de reconsiderar... contra o «muçulmanismo» das obras... até por respeito ao tal chicote misterioso que fustiga lá das alturas e tem mostrado o que vale...

E... teríamos o feitiço voltado contra os feiticeiros!



Parece haver quem julgue que eu, quando assino as minhas asserções e as confio ao papel de imprensa, tenho o costume de primeiramente levantar os olhos para ver quem está na minha frente, me faz um sinal ou me acena com a mão...

Não; quando profiro uma verdade não há compadrios na minha vida, nem tão pouco tenho feitiço para me inte-

grar num bando de pessoas que estão a prejudicar uma Freguesia inteira.

Será mais fácil aos meus afilhados berrarem, patentearem publicamente a «boa educação» de me partirem a cara, do que eu abdicar de proferir bem alto as minhas razões.

Que culpa tenho eu que haja na Várzea quem queira ser Zoilo a valer?

Antigamente, nos tempos remotos e selvagens, os afilhados pediam a benção; com a civilização dos nossos dias, tudo está mudado e para melhor...

Sinais indesmentíveis do mundo actual, que vai por bom caminho...



Um bom homem da Várzea, mas que teve a infelicidade de se deixar contaminar pelas ferroadas venenosas dos tractores do milagroso Mosteiro da Várzea, ao ouvir-me falar no antigo adro de S. Bento, objectou que o adro não pertencia a S. Bento, mas sim à Junta de Freguesia...

Lido de perto com a Várzea há mais de 50 anos, e posso affirmar sem receio de desmentido que o antigo adro de S. Bento não é uma utopia, mas uma realidade que existiu sempre, com limites bem demarcados, mas se houver qualquer negociata feita sem o conhecimento da Freguesia (e sobre um bem que era inalienável!), eu cá fico à espera que me apresentem esses documentos comprovativos...

Tanto que o pároco actual faz posse das árvores que estão sobre a parte do adro que não foi ocupada pelo túmulo dos faraós...

Mas, de S. Bento, da Junta de Freguesia ou da Câmara Municipal, que importa para o caso de eu qualificar esse adro como precioso?

Nunca a Junta construirá nele um fétido redil para ovelhas, ou a Câmara Municipal um depósito para colocar o Lixo das ruas da cidade de Barcelos!

Meu amigo, que pena a luz do «farol» não o poder iluminar melhor...



Eis estudada, em diversas facetas, a alma de certos factos alusivos à miraculosa casa materna de S. Bento, como se o Santo, entronado no meio de todo o seu poderio celestial, pudesse ficar indiferente a determinadas blasfémias!

Defendamos das garras crueis, da filáucea desses detractores o venerando Mosteiro de S. Bento da Várzea!

CRISTÃOS, SALVAI-O!

EIS A VERDADE!

Aos paroquianos de S. Bento da Várzea
dotados de boas intenções.
A todas as pessoas de sensibilidade intacta.

HÁ perto de vinte anos que existe uma brecha no telhado do Mosteiro de S. Bento da Várzea, onde actualmente se exerce o culto, e por entre o qual a invernia tem rugido ameaçadora (por vezes ciclónica) e a chuva tem caído em catadupa, e havendo eu pedido ao presidente da Corporação Fabriqueira da Várzea para que essa brecha fosse reparada enquanto não se concluísse a igreja nova, visto representar um perigo para os fiéis, ele respondeu-me: **«Quanto mais depressa cair o velho Mosteiro, menos tempo levará a fazer a igreja nova».**

E sucedeu o **contrário**.

A igreja nova é que terminou por ficar sem o seu telhado que estava inteiro (onde a chuva e o vento nunca penetraram), numa derrocada atormentadora, e, como se isto fosse pouco, toda uma **parede lateral** da igreja nova era apeada, não escapando o respectivo **alicerce**, que foi também arrancado!

E a igreja nova, entre ruínas, passou a ser **velha**; e o antigo Mosteiro, a «casa materna» de S. Bento, mantinha o telhado e as suas paredes bem firmes.

Tal acontecimento chocou profundamente os paroquianos da Várzea, abalou a opinião pública, alertou aqueles que pretendem seja defendido o dinheiro de S. Bento!

E após esta **confrangedora derrocada**, há uma questão que surge e fica de pé, toma vulto, e é lícito que se inquiria publicamente:

Qual das duas igrejas deve ser aproveitada?

Todos sabem que com o dinheiro gasto em questões, nas obras **infindáveis e desastrosas** da nova igreja que nada mostra de positivo (mas de **negativo**), nas demolições e absurdas reconstruções, para a data só vemos **ruínas e paredes nuas em pé**, — com esse dinheiro, dizia eu, já há muito que o velho Mosteiro podia estar remodelado, transformado num belo santuário, a servir plenamente os da Freguesia e os de fóra, e sem que se perdesse a mais preciosa parcela de terreno do Terreiro, onde pousam as ruínas da igreja nova e que era o grandioso adro da «casa materna» de S. Bento, adro este que

não há dinheiro que o pague!

Com todo esse dinheiro, **perdido inutilmente**, há muito que teríamos uma nova residência paroquial, há muito que o terreno ocupado por esta se teria convertido num largo recinto, como que numa continuação daquele adro tão cheio de valor e que hoje é pasto de **ruínas e de notas de banco esfaceladas!**

Teríamos tudo isto, sim, e ainda sobejaria dinheiro... para dar aos desprotegidos da sorte, em vez de lhes **PEDIREM ESMOLAS**, contrariamente aos desígnios do Senhor!

Termine-se com semelhante contra-senso, e tomem-se medidas rápidas, enérgicas, decisivas.

Está-se na presença dum tremendo, arrepiante descabro financeiro, que brada aos Céus, e os pobres, trementes de frio e com fome, clamam por justiça!

Acabem-se com VAIDADES intoleráveis, que são sempre castigadas por Deus!

A construção da nova igreja está cercada de ESPINHOS!
E de sangue dos pobres...

Mude-se de rumo, acertada e respeitosamente.

Nem tudo se perderia do pouco que existe da igreja nova e das ruínas, pois há o aproveitamento de muita pedra já trabalhada, pronta a construir, e com os 100 contos que se vão gastar com a reconstrução da parede que demoliram **(para tudo ficar como dantes!)**, faça-se uma nova residência paroquial no Passal!

Os outros 100 contos, que se destinariam à construção das paredes da capela mór da igreja nova, seriam empregados no restauro do antigo Mosteiro, como verba utilíssima!

Isto, sem falar no dinheiro do telhado que abateram...

Paroquianos da Várzea, uni-vos, cerrai fileiras, que o BEM é só vosso!

Não sou eu que o afirmo, **são os próprios que o declaram!**

O boletim da Corporação Fabriqueira da Várzea, o «Arauto» (de Dezembro, de 1961), pela pena do presidente da mesma Corporação, fala em SACRIFÍCIOS MATERIAIS E MORAIS, nas DIFICULDADES IMPREVISTAS, em CONTRARIEDADES, numa INFELIZ CONTIGÊNCIA, na TRISTE NOTÍCIA, e na DEFICIENTE CONSTRUÇÃO da nova igreja!

Paroquianos da Várzea, ouvi bem.

Que mais quereis? Por que esperais?

Não se sabe governar, há um mau governo, e depois os paroquianos é que têm de se submeter a **sacrifícios materiais e morais!...**

Os paroquianos é que serão o **bombo** de semelhante «festa»!

E os pobres continuam trementes de frio e com fome...

É tempo de acabar com um coro de lamuriações, com uma situação angustiosa, e afinal por causa duma CONSTRUÇÃO DEFICIENTE, portanto de valor nulo, **como os próprios responsáveis o declaram!**

Gastar rios de dinheiro, para se aproveitar a DEFICIENTE CONSTRUÇÃO EXISTENTE, como o «Arauto» confessa!

Abram-se os olhos!

Avalie-se aquela patuscada que andou de boca em boca, denominada Comissão Consultiva das obras da nova igreja, autêntica fantochada ditada pelo facciosismo, pois seria constituída por pessoas que ajudassem as obras da nova igreja (... e as demolições, evidentemente) com um empréstimo de 3.000 escudos para cima (para baixo desta quantia... ninguém podia abrir a boca para dar consulta, mesmo que os miolos lhe pasassem como oiro de lei!), ou seja uma das revelações mais geniais que tenho visto nos últimos tempos, não haja dúvida alguma!...

Ofendeu-se, ultrajou-se a gente modesta e só o dinheiro da sua força era endeusado, merecia vénia!

De passagem, digo que se tem falado nesses empréstimos e muitíssimo pouco nas garantias.

Sim quais as **sólidas** garantias que a Corporação Fabriqueira dispensaria a esses seus credores?

A «claque» insensata que tem instigado certos planos de obras, deveria oferecer também o dinheiro indispensável para que tais planos fossem levados a cabo, **evitando hostilizar a Freguesia**; mas há o descaramento de se provocarem determinadas situações, para depois... os **outros resolverem**, ou **pagarem**, se quiserem!

Revoltante **cobardia**!

Vejamos outro passo do citado «Arauto»: **«Era um prejuízo de 150 contos, para nós que estávamos quase sem dinheiro»!**

Mas, agora, devem estar a nadar num mar de contos de reis...

Isto é alarmante, arrasador! Uma verdadeira catástrofe!

Puxemos a cortina, que já é tempo, e vejamos um plano de obras que seria em tudo viável... e **salvador**!

Ei-lo: 1.º) consertar a brecha existente no telhado do antigo mosteiro, com uma despesa insignificante de dinheiro,

enquanto não fosse submetido a obras: 2.º) construção, no Passal, da nova residência paroquial; 3.º) demolição da velha residência paroquial, para desobstrução do respectivo local, o que ofereceria terreno de sobra para uma possível ampliação do antigo Mosteiro; e 4.º) obras no antigo Mosteiro — a «casa-mater» de S. Bento.

Façam-se confrontos, elaborem-se orçamentos.

Abram-se os olhos... enquanto é tempo!

Concentrai-vos e pedi as providências a que tendes jus!

Pensai, sem hesitações, que esta é a voz da VERDADE!

Resolvi, mas corajosamente, que a HISTÓRIA um dia vos julgará!

S. Bento da Várzea (Barcelos), 20 de Fevereiro de 1962.

Augusto Meunier dos Reis Maia

Autorizado pela Ex.^{ma} Direcção
dos Serviços de Censura, Lisboa

Í N D I C E

	Pág.
Campanha do Fel	3
Raciocínio e Sentimento	11
Uma igreja nascida do pecado! .	19
O Azorrague da Falsidade . . .	27
Pedaços de Alma...	35
Eis a Verdade!	41

ERRATAS:

Pág.

- 19, linha 6, onde se lê «ua penumbra», leia-se «na penumbra».
28, linha 28, onde se lê «era milagrosas», leia-se «eram milagrosas».
33, linha 2, onde se lê «qual razão», leia-se «qual a razão».
34, linha 33, onde se lê «às seguintes entidades», leia-se «a uma das seguintes entidades».
35, linha 2, onde se lê «forte semelhança, com um farol», leia-se «forte semelhança com um farol».
35, linha 13, onde se lê «o farol que ajuda os maldizentes», leia-se «o farol que ajude os maldizentes».
43, linha 5, onde se lê «Mude-se de Rumo», leia-se «Mude-se de rumo».
44, linha 5, onde se lê «avalia-se». leia-se «avalie-se».

Outras que escaparam, em virtude de o autor não ter feito a revisão das provas de folha, serão corrigidas pelo indulgente leitor.

biblioteca
municipal
barcelos



6754

Cristãos, salvai-os!